

# ***Vossa Excelência* e as dificuldades de tradução para o romeno do romance *Os Maias* de Eça de Queirós: um estudo sobre o tratamento alocutivo nominal**

*Ruxandra Toma*

## RESUMO

O presente estudo pretende analisar as formas de tratamento alocutivo nominal de tipo *Vossa Excelência* no romance português *Os Maias*, de Eça de Queirós (publicado em 1888) e as soluções propostas na tradução para o romeno (2005, segunda edição). O primeiro objetivo será descobrir quais são as principais diferenças e também as principais semelhanças entre o sistema das formas de tratamento do português e do romeno, dado que uma das particularidades do idioma português é a existência das formas nominais de tratamento alocutivo, enquanto em romeno as formas nominais se usam só para o tratamento delocutivo. Em segundo lugar, vamos investigar quais são as maiores dificuldades de tradução para o romeno do sintagma *Vossa Excelência*, tão próprio do sistema do tratamento português, em que consistem estas dificuldades e quais são as soluções que a tradutora romena encontra para resolver estes problemas.

Palavras-chave: *Os Maias*, *tratamento alocutivo*, *tradução*

## ABSTRACT

The present study aims to analyze the allocutive nominal forms of address, such as *Vossa Excelência*, in the Portuguese novel *Os Maias* by Eça de Queirós (published in 1888) and the solutions proposed in the Romanian translation (2005, second edition). The first objective will be to discover what the main differences are and also the main similarities between the Portuguese and the Romanian forms of address, given that one of the particularities of the Portuguese language is the existence of nominal forms for allocutive address, while in Romanian the nominal forms are used only for delocutive address. Secondly, we will investigate the biggest difficulties in translating to Romanian the phrase *Vossa Excelência*, typical of the Portuguese address system, what these difficulties consist of and what solutions the Romanian translator finds to solve these problems.

Keywords: *Os Maias*, *allocutive forms of address*, *translation*

O modo como os locutores de uma língua se dirigem aos seus interlocutores depende, além das estruturas gramaticais específicas que cada língua tem ao seu dispor, da cultura e da mentalidade de cada sociedade. É importante mencionar desde o início que este estudo representa a análise das dificuldades de tradução das formas de tratamento do português europeu para o romeno, já que no Brasil há um sistema binário das formas alocutivas de tratamento, que opõe o tratamento familiar (*você*) a outro cortês (*o senhor*). Pelo contrário, no português europeu entre a familiaridade (expressa por *tu*) e a cortesia (*o senhor*) encontra-se outro nível, intermediário, representado pelo pronome *você*.

Este sistema com três níveis é uma característica comum das duas línguas, o português e o romeno, dado que em romeno também há um nível da familiaridade (*tu*), outro intermediário (*dumneata*) e um terceiro nível cortês (*dumneavoastră*). Há, contudo, uma importante diferença que consiste no fato de em romeno, em todos os níveis, haver formas pronominais, ao passo que, no caso do português, para a cortesia não existe uma forma de tratamento pronominal, sendo este nível específico das formas nominais, tão próprias desta língua.

As formas de tratamento podem ser definidas como um conjunto de modalidades linguísticas cujo fim é regularizar a distância interlocutória. Araújo Carreira (1997), ao analisar as formas de tratamento do português, coloca-as em estreita relação com as outras formas de interlocução e com as formas de delicadeza. Duarte (2010; 2011) considera que “as formas de tratamento, como as formas de delicadeza em geral, são peças fundamentais na regulação da relação interpessoal” (Duarte 2010, 135).

De um ponto de vista pragmático, “nas formas de tratamento cruzam-se questões linguísticas e não linguísticas, o princípio de cortesia, a adequação ao destinatário, a necessidade de não ameaçar a sua face” (Duarte 2010, 134). Isto quer dizer que o locutor tem de escolher a forma de tratamento adequada para se dirigir ao seu interlocutor em função de diversos fatores como a idade, o sexo, a posição social etc. O locutor tem de pensar onde é que se situa em relação ao interlocutor nos dois eixos descritos por Araújo Carreira (1997, 67): o eixo horizontal (que mostra se entre os dois há certa distância ou, pelo contrário, certa familiaridade) e o eixo vertical (o que significa pensar se o interlocutor tem uma posição hierarquicamente superior ou inferior a ele próprio).

Então, para melhor se orientar nos dois eixos, o locutor tem de ter em conta vários fatores para manter as boas relações com o seu interlocutor no momento de escolher uma forma de tratamento adequada. Araújo Carreira (1997) propõe a seguinte lista de fatores: a posição social dos interlocutores, o nível cultural, a idade, o sexo, o grau de parentesco dentro da família, o grau de intimidade, fatores psicológicos.

Os investigadores distinguem três tipos de atos locutivos, segundo a classificação proposta inicialmente por Charaudeau (1992) e retomada por Araújo Carreira (1997): ato elocutivo, ato alocutivo e ato delocutivo. Segundo Charaudeau (1992), o ato elocutivo é visto como aquele por meio do qual o locutor “situe son propos par rapport à lui même, dans son acte d’*dénonciation*. Il révèle sa propre position quant à ce qu’il dit” (Araújo Carreira 1997, 21). O mesmo autor define o ato alocutivo como o ato locutivo no qual o locutor “implique l’interlocuteur dans son acte d’*dénonciation* et lui impose le contenu de son propos” (Araújo Carreira 1997, 21). Araújo Carreira (1997) alarga o significado deste termo e inclui também as situações nas quais o locutor dirige-se ao outro ou designa este “tu” interlocutor. Por último, o ato delocutivo, é definido como o ato por meio do qual o locutor “laisse imposer le propos en tant que tel, comme s’il n’en était nullement responsable. Locuteur et interlocuteur sont absents de cet acte d’*dénonciation* qu’on appellera *délocutif*, comme s’il était délié de la locution” (Araújo Carreira 1997, 21).

O tratamento alocutivo português apresenta três tipos de formas: pronominais, nominais e verbais. Estas podem aparecer num discurso como sujeito do enunciado (*integrative pronouns*) ou como uma forma em vocativo (*vocative pronouns*). É importante sublinhar o fato de que as formas

de tratamento nominal seguidas pelo verbo na terceira pessoa do singular ou do plural são próprias do sistema português, já que na maioria das línguas europeias – incluindo o romeno, onde a forma correspondente a *o senhor* é o pronome de cortesia *dumneavoastră* – se prefere o tratamento pronominal para a alocução. Contudo, em romeno há também casos, bastante escassos, nos quais as formas nominais delocutivas (de tipo *domnul/doamna*) podem adquirir no discurso um valor alocutivo, mas isto não quer dizer que nessas situações as ditas formas nominais são alocutivas; elas mantêm o seu estatuto de formas delocutivas e mudam só o seu valor dentro da situação da comunicação.

Hammermüller (2008) faz uma observação com respeito às línguas europeias. Parece que a maioria delas não só prefere o tratamento alocutivo pronominal, senão também mostra certa preferência pela segunda pessoa verbal do singular ou do plural. Deste modo, a segunda pessoa verbal é vista como a pessoa gramatical prototípica da alocução. Contudo, há também algumas línguas europeias, como o português ou o espanhol, nas quais a terceira pessoa verbal (do plural ou do singular) tem uma função alocutiva. O que distingue neste caso o português entre as outras línguas que têm uma terceira pessoa verbal com função alocutiva é o fato de que em português, além dos poucos pronomes empregados neste contexto – *você* e *vocês* –, o verbo está acompanhado na maioria das vezes por uma forma nominal. Assim, no caso do tratamento cortês, por exemplo, a uma estrutura de tipo *pronome* + verbo na 3ª pessoa em espanhol (*usted quiere*) corresponde-lhe em português um *nome* + verbo na 3ª pessoa (*o senhor quer*).

182

Então, para designar o interlocutor, o locutor português tem várias possibilidades de escolha: os pronomes pessoais como *tu* ou *vós* (já caído em desuso na língua padrão) e *você/vocês*; os pronomes átonos como *o/os*, *a/as*, *se*, *si*, *lhe/lhes*, *vos*; as formas de tratamento nominais (para designar uma ou mais pessoas) de tipo *o/os* + *nome/sobrenome*, *a/as* + *nome*. Acrescentam-se as formas mais corteses, como *o/os senhor(es)* + *nome/sobrenome*, *a/as senhora(s)* + *nome*, *a senhora dona* + *nome* *a/as menina(s)* + *nome*, *o/os menino(s)* + *nome/sobrenome* ou seguidas pelos títulos: *o/os senhor(es)* + *título/função*, *a/as senhora(s)* + *título/função*. Também, funcionam como formas de tratamento nominais os nomes de parentesco como *o pai*, *a mãe*, *o avô*, *a avó*, *o tio*, *a tia*, *o padrinho*, *a madrinha*; as formas verbais, ou seja, os morfemas de pessoa e de número das formas verbais da segunda e da terceira pessoa do singular e do plural quando estes verbos não são acompanhados por um nome ou um pronome.

Existe em português um número elevado de formas de tratamento nominais, das formas mais simples de tipo *o senhor*, *a senhora*, *a senhora dona*, *a dona* até formas mais complexas de tipo *Vossa Excelência*. Lindley Cintra (1965), ao analisar as formas *você* e *V. Ex.<sup>a</sup>*, caracteriza-as como “antigos tratamentos nominais” cujo significado mudou ao longo do tempo e

que se encontram atualmente gramaticalizados na língua. Do ponto de vista da origem, todas estas formas são substantivas, dado que “têm psicologicamente o seu ponto de partida no isolamento, como «substância», de uma das qualidades que se atribuíam à realeza” (Lindley Cintra 1965, 19 ). Estas qualidades são, segundo cada fórmula, seja a mercê, seja a alteza, seja a senhoria ou a excelência, o pronome possessivo sendo fixo, sempre o mesmo: *vossa*.

Lindley Cintra (1965) analisa estas fórmulas em perspectiva diacrônica e nota dois aspectos considerados como “fundamentais para a sua história”. Em primeiro lugar trata-se do fato de que todas estas formas têm uma origem estrangeira, sendo importadas ou adaptadas seja do espanhol, como no caso de *Vossa Mercê*, seja do italiano, tal como se passa com *Vossa Senhoria*. Em segundo lugar, essas formas eram empregadas no início só para a designação do rei ou da rainha, mas o seu significado estendeu-se rapidamente para outras categorias sociais – como a nobreza ou a alta burguesia. Esta extensão foi propagada pelos falantes que se serviam dessas formas, isto é, a nobreza da nova corte do século XIV.

Para melhor ilustrar a ideia da mudança de significado sofrida pelas formas nominais de tipo *V. Ex.<sup>a</sup>*, o autor faz uma análise da evolução semântica destas formas. Esta estrutura inicialmente designava “os filhos e as filhas legítimos dos Infantes”, mas o seu significado sofreu mudanças ao longo dos séculos, tendo uma difusão muito larga e sendo “de todas as aludidas, a que se havia de manter mais perfeitamente viva até aos nossos dias.” (Lindley Cintra 1965, 25) Contudo, ela se manteve apenas na escrita, e começou a ser eliminada progressivamente da língua falada. Ao lado da forma *Vossa Senhoria*, *V. Ex.<sup>a</sup>* chega a ter um significado mais abrangente e passa a designar “grupos cada vez mais numerosos e menos altamente situados na escala social” (Lindley Cintra 1965, 29).

Para definir as situações específicas do uso da forma *Vossa Excelência* no português padrão, Araújo Carreira (1997) propõe-se encontrar primeiro as características semânticas e pragmáticas desta forma de tratamento. Assim, chega à conclusão de que *V. Ex.<sup>a</sup>* é usada sobretudo em situações de comunicação formal ou de protocolo, sendo este o seu uso normal e habitual.

No entanto, a forma *V. Ex.<sup>a</sup>* pode aparecer também no discurso em situações distintas, que não têm nada de formal; por exemplo, se um locutor que normalmente se dirige ao interlocutor através de uma forma menos cortês, de tipo *tu*, usa no seu discurso, ao dirigir-se ao mesmo interlocutor, a forma de máxima cortesia *V. Ex.<sup>a</sup>*. Neste caso, devido aos conhecimentos semânticos que têm sobre a forma *V. Ex.<sup>a</sup>* – “l’affinité entre l’«exigence» (demande inopportune de par son exigence) et le caractère protocolaire d’une situation (qu’on associe banalement à *V. Ex.<sup>a</sup>*)” (Araújo Carreira 1997, 60) – os interlocutores percebem que se trata de um uso inadequado em relação ao contexto da situação da comunicação e deduzem que o locutor tem certa intenção. Nesta situação o valor de *V. Ex.<sup>a</sup>* muda, segundo a intenção

do locutor. Dentro do discurso atualiza-se um valor pragmático, que pode ilustrar um tratamento carinhoso por parte do locutor ou, pelo contrário, pode ter uma intenção irónica ou sarcástica.

De maneira semelhante a *Vossa Excelência* funciona também em português a forma de tratamento *Vossa Senhoria*. Esta última tem um uso mais restrito no português europeu e emprega-se sobretudo se o interlocutor tem um alto grau militar (Araújo Carreira, 1997). Tal como *V. Ex.<sup>a</sup>*, expressa o maior grau de cortesia e de distância social.

As formas de tipo *Vossa Excelência*, tão próprias do sistema do tratamento português, representam uma classe intermédia de formas de tratamento, situadas pelos pesquisadores entre as formas pronominais e as nominais. Interessante do ponto de vista da tradução é o fato de que estas formas não têm um correspondente exato nas outras línguas, inclusive no romeno.

Embora seja menos estudado do que no caso do português, o sistema das formas de tratamento em romeno é considerado em igual medida um dos sistemas mais complexos em comparação com as outras línguas europeias, mesmo as românicas.

Tal como o português, o romeno tem três planos nos quais se situam as formas de tratamento, segundo a distância que há entre os interlocutores, tal como se pode observar na tabela<sup>1</sup> seguinte. No entanto, o sistema romeno é ainda mais complexo se tivermos em conta o fato de que nesta língua não só as formas alocutivas são classificadas em função dos três planos, mas também as formas delocutivas.

	tratamento familiar		tratamento intermediário	tratamento cortês	
	singular	plural		singular	plural
alocutivo	tu	voi	dumneata	dumneavoastră	
delocutivo – f. – m.			sg. / pl.		dumnealor
	ea	ele	dânsa/dânsele	dumneaei	
	el	ei	dânsul/dânșii	dumnealui	

No que diz respeito às formas alocutivas, pode notar-se o fato de que em romeno as formas que ocupam todos os três planos são só pronominais, dado que em romeno não há formas nominais de tratamento. Contudo, as formas alocutivas do tratamento intermediário (*dumneata*) e cortês (*dumneavoastră*) formaram-se a partir dum nome, *domnia*, seguido pelo adjetivo pronominal possessivo da segunda pessoa do singular ou do plural: *domnia + ta* ou *domnia + voastră*. Embora contenha uma forma pronominal do plural, *dumneavoastră* usa-se tanto para o tratamento cortês da segunda

1 segundo o modelo proposto por Elena Comes no seu artigo *Delocuti n et politesse: formes de politesse pour le d locut  en roumain et en français*, 2008, p. 351.



pessoa do plural, quanto para o do singular, de modo que corresponde tanto a *o senhor* como a *os senhores* do português.

É importante acrescentar o fato de as gramáticas romenas fazerem a diferença clara entre as formas puras e simplesmente pronominais, ou seja, os pronomes pessoais (*tu, voi*) e os assim chamados pronomes de cortesia (*dumneata, dumneavoastră*). Isto quer dizer que a forma *dumneata* é também considerada uma forma cortês pelos linguistas romenos e só o uso que os falantes lhe dão fez com que fosse vista como específica de um tratamento menos formal de que *dumneavoastră*. Além destes dois pronomes alocutivos de cortesia, em romeno mantêm-se também as formas já antiquadas a partir das quais estes se formaram: *domnia-ta* e *domnia-voastră*, mas só nos discursos muito solenes ou, mais frequente hoje em dia, com um sentido irônico.

Já foi mencionado o fato de que, segundo os estudos feitos nesta área, em romeno não há formas nominais, tão frequentes em português. Contudo, a Gramática da Academia Romena (2008) refere-se a elas e considera-as *locuțiuni pronominale de politețe* (locuções pronominais de cortesia). Nesta categoria são incluídas formas como *Măria Ta / Măria Voastră, Alteța Voastră, Înălțimea Voastră, Maiestatea Ta / Maiestatea Voastră, Excelența Voastră* etc. Essas formas têm uma estrutura muito semelhante à das formas de tratamento nominal de tipo V. Ex.<sup>a</sup> do português, com a diferença de que em romeno estas locuções são usadas ainda hoje em dia no estilo oficial ou solene, como fórmulas de protocolo para dirigir-se às pessoas de diferentes posições (por exemplo: *Măria Ta / Măria Voastră* – para os reis, *Alteța Voastră, Înălțimea Voastră* – para os príncipes e as princesas etc.), *Excelența Voastră* – para os ministros, os embaixadores ou os presidentes.

Outra diferença notável é dada pelo fato de que, enquanto em português o pronome possessivo é sempre o mesmo (*vossa*), o romeno admite, conforme o caso, a alternância entre o singular *ta* e o plural *voastră*.

Com respeito ao verbo que acompanha estas locuções, à diferença do que se passa no caso de todas as outras formas de tratamento alocutivas em romeno, este pode ser tanto na segunda pessoa, como também na terceira. Nos exemplos seguintes, tirados de Avram (1997), pode observar-se a alternância da pessoa verbal: *Excelența voastră sunteți rugat...* (segunda pessoa) e *Excelența voastră este rugată...* (terceira pessoa). Este é o único caso no qual o romeno admite uma forma verbal da terceira pessoa com valor alocutivo. A terceira pessoa tem neste contexto o papel de aumentar ainda mais o matiz de cortesia e de solenidade da locução.

### Análise do corpus

Foram encontradas ao longo do romance *Os Maias* de Eça de Queirós 212 formas nominais de tratamento alocutivo (distribuídas em 194 contextos).

A maioria dessas formas (aproximadamente 76%) são de tipo *V. Ex.<sup>a</sup> / V. S.<sup>a</sup>*. Estas são usadas pelas mais diversas personagens e são traduzidas de maneiras distintas ao longo do romance. A grande diversidade de formas escolhidas pela tradutora deve-se, tal como antecipamos, à falta de um correspondente exato em romeno. Distinguem-se cinco modalidades diferentes de tradução para *V. Ex.<sup>a</sup>*: o pronome de cortesia *dumneavoastră*, a simples forma verbal específica do tratamento cortês (II<sup>a</sup> pessoa do plural), uma mudança total da estrutura da frase, a introdução da forma pronominal *vă* e a estrutura antiquada *domnia-voastră*. No caso da *V. S.<sup>a</sup>* as coisas são menos complicadas: temos apenas o pronome *dumneavoastră* e as formas verbais da II<sup>a</sup> pessoa do plural.

A forma “*Vossa Senhoria*” aparece apenas seis vezes no início do romance, geralmente em réplicas que têm como locutor o velho criado Teixeira e como alocutário Vilaça, o administrador da casa da família Maia:

1. “Aqui, Sr. Vilaça, o quarto de **V. S.<sup>a</sup>...**” » „Aceasta, domnule Vilaça, e camera **dvs...**”

2. “Olhe que **V. S.<sup>a</sup>** tem só dez minutos...” » „Luați seama că aveți doar zece minute...”

De fato, esses são os únicos contextos nos quais alguém trata Vilaça desta maneira, sendo que na maioria das vezes ele é tratado por *você*. Aqui Teixeira é um simples criado e, devido à sua posição social em relação ao administrador da casa, sente a necessidade de usar uma forma de tratamento muito cortês. Contudo, note-se a distinção entre as duas formas, *V. Ex.<sup>a</sup>* e *V. S.<sup>a</sup>*, no sentido de que a primeira tem uma utilização muito mais ampla e resulta ainda mais cortês do que a segunda, que não se usa nunca para designar a uma pessoa da classe social mais alta.

Se essa distinção é bastante evidente em português, observamos que na tradução romena o matiz desaparece, dado que tanto *V. Ex.<sup>a</sup>* como *V. S.<sup>a</sup>* se traduzem pelas mesmas formas verbais ou pronominais, específicas do nível da [+ cortesia]. No entanto, no caso da primeira forma, *V. Ex.<sup>a</sup>*, há, devido à sua alta frequência, uma variação maior das modalidades de tradução. Entre estas, chama em primeiro lugar a atenção a forma pronominal “*domnia-voastră*”, forma específica em geral de uma linguagem oficial, protocolar. Ao longo do romance Vilaça trata sempre Afonso de *V. Ex.<sup>a</sup>*, mas nos exemplos 3 e 4 a tradutora escolhe uma forma pronominal de cortesia, não muito frequente nesse tipo de discurso:

3. “Tem **V. Ex.<sup>a</sup>** razão, é atroz;” » „**Domnia-voastră** aveți dreptate, e groaznic;”

4. “Com permissão de **V. Ex.<sup>a</sup>**, aí irei...” » „cu îngăduința **domniei-voastre**, vom veni acolo...”

Trata-se do final do capítulo III, onde Afonso e Vilaça conversam ao longo de algumas páginas sobre o que se passou com Maria Monforte. Então, pode ser que a tradutora tenha querido simplesmente criar diversidade, para



que o texto não resulte demasiado monótono, dado que há linhas inteiras nas quais Vilaça repete a forma *V. Ex.<sup>a</sup>*. Assim, para os oito contextos de *V. Ex.<sup>a</sup>* encontrados neste fragmento, em romeno alternam-se as seguintes formas: *domnia-voastră* (em 3 e 4), formas verbais (em 5), *dumneavoastră* (em 6) ou a forma pronominal *vi* com valor de complemento indireto (em 7):

5. “**V. Ex.<sup>a</sup>** sabe que apareceu a Monforte?” » „Știți că a apărut Maria Monforte?”

6. “E **vossa excelência?**” » „Și **dumneavoastră?**”

7. “Não lhe parece a **V. Ex.<sup>a</sup>**?” » „Nu vi se pare logic?”

Quer se trate de forma verbal, quer de pronominal, *V. Ex.<sup>a</sup>* traduz-se sempre por meio de uma forma que expressa um grau alto de cortesia, imposta ao locutor pela condição do alocutário e pela sua relação com este. Então, veremos a seguir que personagens são tratadas desse modo e em que situações discursivas específicas. Já vimos que Afonso da Maia é quase sempre designado deste modo pela maioria das personagens, devido à sua posição social e à sua idade, que impõem respeito aos outros. As únicas exceções são Carlos e Pedro, que o tratam por *você*, dada a relação de parentesco que há entre eles, e o fazem com o assentimento de Afonso.

Além de Vilaça (o pai e depois o filho), o abade também mostra cortesia frente a Afonso, apesar de as suas opiniões nem sempre coincidirem:

8. “Que **V. Ex.<sup>a</sup>**, Sr. Afonso da Maia, tem visto mais mundo do que eu...” » „...că **dvs.**, domnule Afonso da Maia, ați văzut mai multe în lumea asta decât mine.”

9. “A cartilha, sim meu senhor, ainda que **V. Ex.<sup>a</sup>** o diga assim...” » „Catehismul, da, stăpâne, chiar dacă o spuneți așa...”

De facto, a réplica do abade do exemplo 8 acentua exatamente a ideia mencionada acima: Afonso merece o respeito dos outros porque “*tem visto mais mundo do que eu*”; isto pode ser interpretado tanto como um argumento a favor do seu estatuto social favorecido, que lhe permite viajar e conhecer o mundo, como para evidenciar a sua idade que contribui também para a sua imagem de pessoa respeitável.

Afonso tem a mesma imagem também entre os jovens, os amigos de Carlos. Ega ou Craft usam a mesma forma de deferência para se dirigir ao avô do seu amigo:

10. “Como está **V. Ex.<sup>a</sup>**?” » „Ce mai faceți?”

11. “**V. Ex.<sup>a</sup>** não faz ideia...” » „**Dvs.** nici nu vă faceți o idee...”

A seguir, há também várias personagens que empregam a forma *V. Ex.<sup>a</sup>* para designar Carlos, que, ao contrário do seu avô, já não tem o fator da idade a seu favor, mas cuja condição social e o fato de ser neto de uma pessoa tão bem vista na sociedade como Afonso da Maia, conferem-lhe este estatuto. Mas, antes de mais nada, temos de diferenciar entre a criança Carlos e o jovem Carlos. Na infância Carlos é tratado quer por *tu* (pelas senhoras

Silveira), quer por *você* (por Vilaça). Há uma única situação na qual o seu avô o trata de um modo muito cortês:

12. “Viva **V. S.<sup>a</sup>**, Sr. Carlos de Mata-sete!” » „Trăiască **domnia-sa**, domnul Carlos de Bagă-n-sperieți!”

Contudo, nesta situação a forma *V. S.<sup>a</sup>* não se pode interpretar em sentido próprio, dado que surge no contexto de uma brincadeira. Desta vez a tradutora escolheu em romeno a forma pronominal da terceira pessoa do singular “*domnia-sa*”, forma que neste contexto tem valor alocutivo e é ainda mais cortês que “*domnia-ta*”, o que acentua o matiz irônico.

Então, o tratamento de *V. Ex.<sup>a</sup>* aplica-se, evidentemente, só no caso do Carlos adulto e é usado por várias personagens, de qualquer idade, sexo, condição social ou que têm qualquer relação com o neto de Afonso. Em primeiro lugar há os criados com os quais Carlos conversa ao longo do romance. Ao longo do romance Carlos conversa tanto com criados que não conhece, ou com os quais não tem nenhuma relação (como o burriqueiro ou os criados dos hotéis e restaurantes, em 13), como com aqueles junto aos quais cresceu ou que conheceu em diversos momentos e com os quais interage às vezes (como Baptista, em 14, ou Domingos, em 15):

13. “**V. Ex.<sup>a</sup>** toma mais cognac?” » „**Dvs.** mai doriți coniac?”

14. “e com perdão de **V. Ex.<sup>a</sup>...**” » „și să iertați...”

15. “Tenha **V. Ex.<sup>a</sup>** a paciência de esperar...” » „**Dvs.** să aveți numai puțină răbdare să așteptați...”

No que diz respeito aos números do esquema anterior, é evidente o facto de que a forma preferível para a tradução de *V. Ex.<sup>a</sup>* é o pronome cortês *dumneavoastră*, que alterna na maioria das vezes com as formas verbais, sendo omitida a forma nominal, para evitar a monotonia. Mas este pronome tem várias funções, em função de cada situação comunicativa. Assim, há casos nos quais *dumneavoastră* funciona simplesmente como forma que acentua a deferência que o locutor expressa frente ao seu alocutário, como nos exemplos 15 e 16, onde o conde faz uma pergunta a Carlos:

16. “**V. Ex.<sup>a</sup>** tem boa memória, Sr. Maia?” » „**Dvs.** aveți o memorie bună, dl. Maia?”

Nesses casos o pronome cortês pode faltar, porque a presença da forma verbal da segunda pessoa do plural é suficiente para ilustrar a mesma ideia, como na réplica da condessa:

17. “Veja **V. Ex.<sup>a</sup>** mesmo nas profissões subalternas...” » „Vedeți, chiar și în profesiunile subalterne.”

Outra função que “*dumneavoastră*” pode ter é a de destacar o alocutário dentro de um grupo. Isto acontece na pergunta do exemplo 13, onde o criado dirige-se somente a Carlos e não aos outros, embora a forma pronominal seja a mesma tanto para o singular como para o plural; mas se a mesma pergunta tivesse sido traduzida somente pela forma verbal, sem

o pronome, o sentido teria sido antes coletivo, de tratamento plural. Esta segunda função de “*dumneavoastră*” nota-se também no exemplo 18, réplica do conde:

18. “Mas a **V. Ex.<sup>a</sup>** podem-se dizer estas coisas, porque pertence à elite.”  
» „Dar **dvs.** vi se pot spune aceste lucruri, pentru că aparțineți elitei.”

Aqui faz-se uma diferença entre Carlos, que “pertence à elite” e os outros, que não poderiam compreender “estas coisas”.

Vimos, portanto, que o neto de Afonso da Maia é tratado com máxima cortesia tanto pelos criados como também pelos condes, pessoas encontradas já numa posição social superior ou, pelo menos, igual à do protagonista. Embora os membros da família Gouvarinho tenham o título de *conde*, eles tratam Carlos como seu igual e usam um tratamento cortês, explicável também devido à distância social, ao fato de que não se conhecem muito bem. Entre os criados e os condes situam-se as pessoas que se encontram mais ou menos na mesma posição social que o jovem médico, mas que por causa da distância social tratam inicialmente Carlos por *V. Ex.<sup>a</sup>*. Depois de o conhecer e até de se tornar amigos, a distância entre eles diminui e *V. Ex.<sup>a</sup>* é substituído por *tu*.

Isto é muito evidente no romance no caso de Alencar, cujas réplicas mostram muito bem as mentalidades da sociedade daquela época. No início, quando Ega o apresenta a Carlos, ele trata-o de *V. Ex.<sup>a</sup>* e explica a razão:

19. “**V. Ex.<sup>a</sup>**, já que as etiquetas sociais querem que eu lhe dê excelência, mal sabe a quem apertou agora a mão...” » „**Dvs.** ... nu știți a cui mână ați strâns-o...”

Na mesma página, algumas linhas mais embaixo, Alencar acrescenta: “*E deixemo-nos já de excelências! Que eu vi-te nascer, meu rapaz!*” Portanto, o tratamento muda completamente num tempo muito curto, desde a forma mais cortês, digna do adulto Carlos que Alencar ainda não conhecia, até à forma mais familiar, o *tu*, que se justifica pela relação de intimidade que o homem tinha com os pais da criança Carlos.

O mesmo acontece também no caso de Dâmaso, mas é menos evidente porque demora mais até a mudança da forma de tratamento. No início, essas “etiquetas sociais” das quais fala Alencar fazem com que os seus futuros amigos tratem Carlos da Maia por *V. Ex.<sup>a</sup>*:

20. “**V. Ex.<sup>a</sup>** não lhe pareceu?” » „...nu vi s-a părut?”

21. “**V. Ex.<sup>a</sup>** não toma, Sr. Maia?” » „**Dvs.** nu luați, domnule Maia?”

22. “Se **V. Ex.<sup>a</sup>** é servido, é sem cerimónia” » „Dacă doriți și **dvs.** să serviți, fără fasoane”

23. “E **V. Ex.<sup>a</sup>** deve sabê-lo, Sr. Maia, porque tem experiência de espanholas!” » „Și **dvs.** trebuie să știți asta, domnule Maia, pentru că aveți experiență cu spanioloaicele!”

Mais interessante é o exemplo 23, onde o locutor Cruges usa este tratamento, embora ele e Carlos já sejam amigos há muito tempo. O que se passa é que aqui Cruges retoma as palavras de Palma: trata-se de uma citação,

motivo pelo qual não se pode considerar que nesse momento Cruges é quem trata Carlos por *V. Ex.<sup>a</sup>*, senão que ele só repete as palavras do verdadeiro locutor, Palma, e dá um outro valor a sua frase.

No que diz respeito ao administrador Vilaça, neste caso evidencia-se muito bem a importância do fator da idade. Devido à diferença de estatuto social, os dois administradores da família Maia, Vilaça pai e filho, tratam os membros da família com cortesia. Contudo, há uma distinção entre as maneiras como os dois tratam Carlos, devido às diferenças de idade. Assim, o pai Vilaça, que conheceu Carlos na sua infância, tratava a criança por *você*, devido à grande diferença de idade. Contudo, Vilaça filho conheceu-o apenas mais tarde e a diferença de idade é menor neste caso, pelo qual ele trata o neto por Afonso de *V. Ex.<sup>a</sup>*, com mais cortesia. Isto nota-se no exemplo 24, onde a forma de cortesia é traduzida em romeno pelo pronome *vă*:

24. “Muito agradecido a **V. Ex.<sup>a</sup>**.” » „Vă mulțumesc foarte mult.”

Para além da família Maia, há também no romance outras personagens que são tratadas de *V. Ex.<sup>a</sup>*, entre os quais os condes (em 25 e 26), Ega (em 27 e 28) ou Maria Eduarda:

25. “Tem **V. Ex.<sup>a</sup>** razão, Sr. conde.” » „Aveți dreptate, domnule conte.”

26. “Como **V. Ex.<sup>a</sup>** se interessa pela minha instalação... deixe-me mostrar-lhe a outra sala.” » „Pentru că văd că **vă** interesează felul cum sunt instalat... lăsați-mă să vă arăt și cealaltă încăpere.”

27. “Foi a senhora que sonhou alto com **V. Ex.<sup>a</sup>**...” » „Doamna o fi visat cu glas tare despre **dvs.** ...”

28. “Carta que **V. Ex.<sup>a</sup>** ditou! Carta que **V. Ex.<sup>a</sup>** o forçou a assinar!” » „Scrisoare pe care ați dictat-o **dvs.**! Scrisoare pe care **dvs.** l-ați silit s-o iscălească!”

No caso dos exemplos 25 e 26, o locutor é Carlos, tratado ele também do mesmo modo pelos condes. Este tratamento cortês recíproco acentua a ideia do distanciamento social entre as duas partes.

Quanto ao exemplo 27, Ega recebe este tratamento por parte da Sr.<sup>a</sup> Adélia, a confidente da sua amante, que, embora seja uma pessoa que o conhece bastante bem, dirige-se a ele utilizando *V. Ex.<sup>a</sup>* por causa da diferença social. Em 28 as duas personagens, Ega e o Sr. Guimarães, têm uma condição social semelhante; a forma de deferência recíproca (em 29, onde os interlocutores trocam de papéis) explica-se pelo facto de que os dois acabam de se conhecer e não há nenhum tipo de relação entre eles.

29. “E **V. Ex.<sup>a</sup>** então parte brevemente para Paris?” » „Și **dvs.** deci vă întoarceți curând la Paris?”

Finalmente, falamos sobre a importância do fator do sexo, que é muito evidente no caso de Maria Eduarda. Embora seja vista primeiramente como uma mulher casada que tem um amante ou depois como uma mulher solteira que vive na casa de um homem que não é o seu marido, Maria Eduarda recebe contudo o respeito dos homens:

30. “E **V. Ex.<sup>a</sup>** tem-se dado bem em Portugal?” » „Dar **dvs.** v-ați simțit bine în Portugalia...?”
31. “**V. Ex.<sup>a</sup>** já recebeu notícias?” » „Ați primit deja știri?”
32. “**V. Ex.<sup>a</sup>** não conhece este país, minha senhora.” » „**Dvs.** nu cunoașteți țara asta, doamna mea.”
33. “**V. Ex.<sup>a</sup>** quer mais alguma coisa?” » „Mai doriți ceva?”
34. “Imagine **V. Ex.<sup>a</sup>**...” » „Închipuiți-vă **dvs.** ...”

No caso de Carlos (em 30) ou de Dâmaso (em 31) o respeito por uma mulher que não era vista muito bem pela sociedade explica-se pelo facto de que os dois se apaixonaram por ela. Domingos (em 33), como seu criado, deve tratar com cortesia a ama. Ega (em 32), como melhor amigo de Carlos, tem de respeitar a namorada deste, mas aqui já intervém também o fator do sexo, porque um jovem de boa família sabe que deve tratar as mulheres de maneira cortês, regra social aplicável também no caso do marquês (em 34).

Se todos estes exemplos que acabamos de ver não são especialmente interessantes do ponto de vista da tradução, os exemplos 25 e 36 ilustram exatamente o contrário:

35. “Então **V. exas.** não se tentam?” » „Dar pe **dvs.** nu vă tentează?”
36. “Então **V. Ex.<sup>a</sup>** não se tenta?” » „Deci pe **dvs.** nu vă tentează?”

Em ambas as situações o locutor é Palma, mas os alocutários ou, melhor dito, o número deles difere. É evidente em português a diferença entre o plural e o singular em 35 e 36, mas, se olharmos para a tradução, a diferença desaparece. Na verdade, se no que diz respeito ao significado, uma forma pronominal como *dumneavoastră* satisfaz em grande medida a necessidade do tradutor, esta forma não serve muito quando se trata de distinguir entre os dois números, dado que em romeno a mesma forma pronominal se usa tanto para o plural como para o singular.

Outras vezes, para que resulte claro quem é o alocutário, a tradutora acrescenta o nome deste em vocativo, embora este não apareça em português. No exemplo 37 trata-se duma cena de grupo, na qual o conde faz uma pergunta a Dona Maria:

37. “**V. Ex.<sup>a</sup>** não se lembra...?” » „Vă amintiți, Dona Maria?”

Como em romeno a segunda pessoa do plural do verbo pode se referir a só um alocutário ou a mais, e acabamos de ver que a presença do pronome de cortesia tampouco teria ajudado a esclarecer a confusão, o vocativo tem o papel de explicitar a pessoa à qual se dirige a pergunta.

Por último, há no texto contextos nos quais em português aparece a forma *V. Ex.<sup>a</sup>*, mas em romeno a frase é completamente diferente, mudança que causa também a desapareição de qualquer forma de tratamento:

38. “E eu muito a **V. Ex.<sup>a</sup>**” » „Și mie foarte bine, domnule.”

39. “**V. Ex.<sup>a</sup>** tem às onze horas a caleche...” » „La unsprezece vine trăsură...”



40. “Muito agradecido a V. Ex.<sup>a</sup>” » „Mulțumesc, e bine.”

41. “Não tenho então nada a dizer a V. Ex.<sup>a</sup> senão que estou às suas ordens!” » „N-am nimic de spus, decât că vă stau la dispoziție!”

Como um dos principais propósitos da tradução é o de usar uma linguagem que seja a mais natural possível na língua meta, sem alterar o significado do texto original, a tradutora escolhe nestes casos mudar completamente a estrutura das frases para obter réplicas mais usadas em romeno. Em 38 e 40, sobretudo, trata-se de uma troca de palavras já convencional na língua, o que faz com que respeitar a estrutura portuguesa tivesse provocado um efeito completamente distinto no público romeno. Assim, a resposta que o leitor romeno espera para uma frase como “*Mi-a părut bine că te-am văzut pe-aici*” é sempre “*Și mie foarte bine...*”, sobretudo porque uma tradução fiel não teria nenhum sentido. Contudo, para não se afastar demais do original, a tradutora acrescenta o nome *domnule* em vocativo, para manter de algum modo a cortesia expressa pela forma *V. Ex.<sup>a</sup>*.

Em 40 acontece o mesmo. A resposta a uma pergunta de tipo “*Dar bunicul dvs. e bine?*” seria em português “*Muito agradecido a V. Ex.<sup>a</sup>*”, mas a convenção do romeno é outra e a tradutora respeita-a tornando esta resposta em „*Mulțumesc, e bine.*”. No exemplo 84 nota-se outra vez que não faria nenhum sentido em romeno traduzir fielmente aquela réplica, mas a tradutora poderia ter mantido de alguma forma a deferência através de uma forma pronominal de cortesia: „*Vă mulțumesc, e bine.*” Pelo contrário, em 41 uma tradução exata teria sido possível. Contudo, prefere-se traduzir uma estrutura que inclui o alocutário, como “*nada a dizer a V. Ex.<sup>a</sup>*”, por uma mais geral e impessoal, como “*nimic de spus*”.

Nos últimos dois exemplos, a estrutura sintática da frase muda, mas a forma de tratamento não desaparece da tradução:

42. “V. Ex.<sup>a</sup> aflige-me com esse desdém...” » „Mă mâhniți cu disprețul dvs. ...”

43. “Pode V. Ex.<sup>a</sup> ficar descansado!” » „Nici să n-aveți!”

Nestes exemplos a forma *V. Ex.<sup>a</sup>* traduz-se quer por uma forma pronominal (em 42), quer por uma forma verbal (em 43) e o que muda é a sua função sintática em 42 – onde de sujeito da frase passa a ser um atributo – ou a forma da frase inteira, em 43.

## Conclusões

Depois de analisar as formas de tratamento alocutivo de tipo *Vossa Excelência* mais interessantes do romance e as modalidades através das quais elas foram traduzidas para o romeno, podemos fazer algumas observações a este respeito.

Em primeiro lugar, o principal problema de tradução tem que ver com o fato de que em romeno não existe atualmente nenhuma forma de tratamento nominal com valor alocutivo. Assim, a complexidade do sistema português, fortemente hierárquico, não se pode manter na língua meta por falta de recursos linguísticos, embora a tradutora tente sempre encontrar uma modalidade de expressar o melhor possível a mensagem do texto original.

Depois, note-se a grande variedade destas formas em português e a dificuldade de encontrar um equivalente mais ou menos exato, específico de cada uma. Por isso, formas como *V. Ex.<sup>a</sup>* / *V. S.<sup>a</sup>* traduzem-se em romeno através várias modalidades de tradução: formas pronominais como *dumneavoastră*, *dumneata* ou *vă*, formas verbais (com a omissão das formas nominais), formas nominais delocutivas (com valor alocutivo), a estrutura *domnia-voastră* e uma mudança de frase, onde outra vez a forma nominal é omitida, mas sem que haja uma correspondência perfeita entre uma forma de tratamento nominal portuguesa e uma modalidade de tradução do romeno. Isto quer dizer que uma forma como o pronome cortês *dumneavoastră*, por exemplo, usa-se em romeno como tradução tanto de *V. Ex.<sup>a</sup>*, como de *o senhor*, *o senhor + nome*, *o senhor + título*, ou até *o amigo*. Então, na tradução perde-se muitas vezes a particularidade de cada uma destas formas portuguesas, já que a maioria das formas mais corteses se traduz por meio do pronome de cortesia acima mencionado, que é o mais frequente, ou por meio de uma forma verbal da segunda pessoa do plural.

Apesar de a tradutora encontrar várias modalidades para traduzir as formas nominais alocutivas portuguesas o mais fielmente possível, com a tradução perdem-se inevitavelmente alguns matizes do tratamento alocutivo da língua de origem. Tanto o fato de que a sociedade romena da mesma época não era tão hierarquizada quanto a portuguesa, como a falta deste tipo de formas de tratamento do romeno são dois fatores essenciais que contribuem para esta perda que o texto sofre através da tradução.

## Bibliografia

### Estudos

ACADEMIA ROMÂNĂ. Gramatica Limbii Române (ediție revizuită), vol I-II. Bucureste: Academia Română, 2008.

AVRAM, Mioara. Gramatica pentru toți. Bucureste: Humanitas, 1997.

ARAÚJO CARREIRA, Maria Helena. Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais. Louvain-Paris: Peeters, 1977.

CHARAUDEAU, Patrick. Grammaire du sens et de l'expression. Paris: Hachette, 1992.

COMES, Elena. Delocución et politesse: formes de politesse pour le délocuté en roumain et en français. Termes d'adresse et modalités énonciatives dans les langues romanes (dir. Maria Helena Araújo Carreira). Paris: Université Paris 8-Vincennes-Saint-Denis, 2008, p. 351-365.

DUARTE, Isabel Margarida. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. Gramática: história, teorias, aplicações. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2010, p. 133-146.

194 DUARTE, Isabel Margarida. Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. Matraga, Rio de Janeiro, v.18, n. 28, p. 84-101, 2011.

HAMMERMÜLLER, Gunther. L'allocution directe par une forme indirecte dans les langues romanes. Termes d'adresse et modalités énonciatives dans les langues romanes (dir. Maria Helena ARAÚJO CARREIRA). Paris: Université Paris 8-Vincennes-Saint-Denis, 2008, p. 79-95.

LINDLEY CINTRA, Luís Filipe. Tratamento de intimidade e tratamento de cortesia nas obras de Gil Vicente. Formas de tratamento na língua portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 1986, p. 38-62.

### Corpus

QUEIRÓS, Eça de. Os Maias. Episódios da vida romântica. XXIII<sup>a</sup> ed., Lisboa: Livros de Brasil.

QUEIRÓS, Eça de. Familia Maia – episoade din viața romantică (trad. Micaela Ghițescu). II<sup>a</sup> edição. Bucureste: Universal Dalsi, 2005.